

O fotógrafo

Rute Coelho Zendron*

Este texto tem como tema central a fotografia, mais especificamente o trabalho de Sebastião Salgado. Sobretudo nos interessava seu material fotográfico relacionado ao que ele denominou *Movimento das Populações*. Dessa forma analisamos, ou melhor, observamos, através de suas fotos, como as coisas chegaram a ser como são, que racionalidade promove o movimento de tantos, de onde para onde, quem se movimenta, por fim, quais as rupturas que fixam ou fazem movimentar grupos humanos que vamos chamar de populações.

Observar esses movimentos, dentro da contemporaneidade, obviamente é possível e já foi feito através de trabalhos analíticos de disciplinas como a História, a Antropologia, as Relações Internacionais e outras. Podemos dizer que as migrações internacionais cresceram de importância desde os anos 80 e estão sendo observadas mais de perto, sobretudo em função do que os ricos chamam de “Invasão” de seus espaços pelos habitantes das ex-colônias, periféricos do capitalismo contemporâneo.

* Doutoranda em Ciências Sociais - PUC - SP.

No entanto, desde de sempre, os homens migram ... foi assim na virada do século passado, onde observamos a transferência de muitos europeus para a América, incluindo o Brasil. O Brasil que já não pode ser pensado sem estes movimentos migratórios, são Árabes (entre Judeus e Libaneses), Japoneses, Italianos, Alemães, Poloneses, etc.

O tema não era desconhecido, no entanto, a forma de olhar poderia ser. Olhar a fotografia. A fotografia de Sebastião Salgado nos pareceu um caminho para analisar o que chamamos “regulação”, em outras palavras, achamos que o Sebastião Salgado deu visibilidade a este estado de coisas.

Como ele mesmo aponta, seu livro *Exodos* conta a história da humanidade em trânsito, uma história perturbadora, pois poucos abandonam sua terra por vontade própria. Tornam-se migrantes, refugiados ou exilados, tanto faz o termo, qualquer um deles é carregado de constrangimentos. Fogem da pobreza, da repressão ou das guerras.

Dessa forma avançam como podem, viajam sozinhos, com a família ou em grupos. Muitos não “viajam”, fogem mesmo...

Voltando um pouco e ainda falando do artigo. Encaminhamos a pesquisa de modo institucional, ela fez parte de um programa de iniciação científica, e já foi concluída.

Em função disso o trabalho começou com um estudo sobre a fotografia, de forma geral, sempre buscando seu conceito e suas possíveis leituras. Obviamente fizemos a ligação da fotografia com a História, relacionando com as pesquisas de historiadores notórios. Relacionamos os que haviam de uma forma ou de outra se utilizando dela, observando como de costume os primeiros, os segundos, etc. Enfim, era um trabalho dentro das normas (as recomendadas) e isso não é difícil de fazer, e só seguir o manual.

No entanto, em dado momento foi possível largar o manual ... nos interessava, o que tinha a ver com nosso desejo, as possibilidades de responder as perguntas. Ou pelo menos uma ou duas...

Conhecer melhor o fotógrafo ajudaria, sua trajetória e sua história de vida, fazia parte.

Passou a ser importante saber um pouco dele e manter nossa idéia na cabeça. A de que sua fotos e sua maneira de fotografar nos

permitia visualizar as tecnologias de poder e de regulação das populações, aquilo que entendíamos como *racismo de estado*.

Agora sim, nosso interesse se tornava claro. Pensar a partir das fotos o Racismo. Pensar como as coisas chegaram a ser o que são.

Trabalho grande, tínhamos (somente), para começar, uma referência de Michel Foucault de um de seus cursos ministrados no *Collège de France* em março de 1976, que tratava da Genealogia do Racismo.

Foucault nos interessa à medida que nos faz observar a forma de fazer pesquisa. Algumas coisas seguramos, outras ainda não. Um exemplo: começamos a prezar as histórias particulares, as pequenas histórias que estão em torno do livro. O autor é observado não pela autoria, ou autoridade de sua produção, mas também pela sua pequena história. Quem é? Ao que está respondendo quando escreve ou pesquisa? Isso é legal!

Depois a própria contribuição de Foucault, quando trabalha as relações de poder, quando chama a atenção do poder disciplinar que se aplica ao corpo por meio das técnicas de vigilância e dos lugares de punição (penso que essa é a mais difundida de suas sacações). Mais adiante, outra denominação aparece, agora o biopoder, que se exerce sobre as populações, a vida e os vivos.

Neste momento, com esses temas – poder / fazer viver e deixar morrer / populações / e racismo, começamos a olhar o material fotográfico do projeto de Sebastião Salgado.

Vamos então ao exercício...



Foto 01. Hospital de Labone, sul do Sudão, 1995.

O Fotógrafo

O autor sempre corre o risco de ser suplantado por sua obra, ou como nas palavras de Foucault: “A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser a assassina do seu autor”¹.

E esse fato torna-se mais evidente no que concerne à fotografia. Ao folhear uma revista ou jornal, meios de maior difusão de fotografias, vê-se as imagens, mas não se procura quem as fez, o fotógrafo permanece incógnito na maioria das ocasiões.

Isso deve-se ao fato de a fotografia ser percebida como “cópia”, “imitação” da realidade, e não uma imagem construída. Referindo-se a isso, Roland Barthes afirma: “A foto é literalmente uma emanação do referente”². E Susan Sontag: “Mas a força da imagem fotográfica origina-se no fato de serem elas realidade materiais por direito próprio, depósitos ricos em informação deixados no rastro da coisa que as emitiu...”³. Por realizar-se por um processo químico,

em que a imagem se imprime no filme, ou outro material devidamente preparado, a fotografia tem esse aspecto de suplantar o fotógrafo, visto que este está fazendo uma “cópia”, e não criando, como em uma pintura.

Porém, a imagem fotográfica é construída a partir da focalização, enquadramento e perspectiva do fotógrafo. Este, ao realizar sua fotografia “imprime” na sua história, suas construções de verdade, etc., ou seja, tudo o que contribuiu para a sua construção, como sujeito.

Este fotógrafo/sujeito, historicamente construído, ao determinar a temática de suas fotografias, está fazendo uma escolha, portanto a fotografia não é apenas “a emanação do referente”⁴, mas a emanação de um referente previamente escolhido, enquadrado, focalizado. E são esses aspectos, considerados técnicos, como a perspectiva, a focalização, o enquadramento, o uso da luz, etc., que vão diferenciar e consagrar um fotógrafo, tornar-se sua “assinatura”, da mesma maneira que o uso das cores, o tema, as pinceladas, etc., são a “assinatura” de um pintor. A fotografia torna-se, portanto, uma linguagem do fotógrafo. Linguagem em que muitas vezes é preciso conhecer o fotógrafo, sua história, seus objetivos, para compreender sua obra.

A fotografia, quando nomeada, ou seja, quando realizada por um fotógrafo “consagrado”, e não mais incógnito, é percebida diferentemente por quem a observa. Novamente cito Foucault para esclarecer esse aspecto:

[...] o nome do autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o fato de se poder dizer ‘isto foi escrito (fotografado) por fulano’ ou ‘tal indivíduo é o autor’, indica que esse discurso não é um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e, que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto⁵.

A partir dessa afirmação de Michel Foucault, pode-se perceber que as fotografias de Sebastião Salgado têm esse caráter de serem recebidas e percebidas diferentemente por quem as observa.

Elas não têm esse aspecto de um discurso *flutuante e passageiro* em geral, presente no fotojornalismo. E isso deve-se à “narrativa” que Sebastião Salgado construiu com suas fotografias.

Sebastião Salgado consagrou-se por suas fotografias em preto e branco, ele mesmo se justifica afirmando: “Já aceitei muita reportagem em cor. Mas a minha cor sempre foi um preto e branco colorido. A cor era um motivo de desconcentração”⁶. Também é reconhecido pela contraluz, cuja preferência se deve ao fato de que, novamente usando suas palavras: “As coisas têm mais força, tanto mais detalhes, tanto mais relevo, todos os relevos se acentuam”⁷. Mas destacou-se principalmente pela fotodenúncia.

A temática de suas fotografias é cultuada e criticada. Criticada por verem em suas fotografias uma “estética da miséria”, como afirma a crítica de arte Ingrid Sischy. E o filósofo Jean Baudrillard, analisando mais profundamente, critica-o afirmando:

Ele é admirável se quisermos, mas suscita o problema do voyerismo sociopolítico. A sua fotografia trata do humanismo da miserabilidade [...] Ele inscreve, uma verdade, ele não fotografa o que é, mas o que não deveria ser. Isso é uma posição moral de denegação. Se essa é uma foto moralizante, em relação à própria imagem ela é um contra-senso. Seria preciso que a imagem pudesse estar lá por sua especificidade, e não curto-circuitada por uma idéia moralista, histórica...⁸

E, cultuada por quem vê Sebastião Salgado como um fotógrafo “engajado”, preocupado em denunciar as injustiças sociais existentes no mundo, temática presente no álbum Terra, relacionando à problemática dos sem-terra, e no álbum Trabalhadores, em que registra a difícil realidade dos trabalhadores braçais em vários países.

Sebastião Salgado afirma querer provocar debate com suas fotografias, no sentido de ajudar a mudar alguma coisa, ao destacar determinado acontecimento. Essa ação de denúncia, faz dele um humanista.

Sebastião Salgado entrou em contato com a fotografia por acaso... Ele e sua esposa, Lélia, foram para Paris, em 1969, onde Sebastião pretendia fazer doutorado em Economia. Naquele perí-

odo trabalhou descarregando caminhões, trabalho difícil, teve problemas de adaptação, saudades, o que resultou em problemas de saúde. Um médico, amigo seu, concluiu que ele precisava descansar, e convidou-os, ele e a esposa, para passarem férias em sua casa em Haute Savoie, sudeste da França. Sebastião e Lélia aproveitaram e passaram em Genebra para comprar uma câmera fotográfica para os estudos de arquitetura de Lélia.

A partir daí, Sebastião passa a fotografar, e, constrói um laboratório em seu quarto na Cidade Universitária, Paris. Fotografava e revelava filmes para outros estudantes. Seu primeiro trabalho foi uma reportagem para Jorge Amado, quando este recebeu o prêmio Gulbenkian de Ficção, em 1971.

Salgado foi trabalhar na Organização Internacional do Café, em Londres, período em que quase desistiu da fotografia. Mas ao fazer viagens de trabalho à África levava a câmera fotográfica. Sobre esse período Sebastião Salgado comenta: “As fotografias me davam vinte vezes mais prazer do que os relatórios econômicos que tinha de escrever”⁹. Isso o levou a pedir demissão e dedicar-se à fotografia. Voltou a Paris e iniciou seu trabalho como fotojornalista. Trabalho que lentamente foi sendo reconhecido, possibilitando o seu contrato como *free lancer* pela agência Sygma, e mais tarde pela Gamma, que Sebastião considera sua escola de fotojornalismo, onde aprendeu “a analisar, a sintetizar, a ver o que era importante, e nisso me ajudou muito a formação de economista”¹⁰.

Em meados da década de 80 Lélia deixou seu trabalho e passou a organizar exposições das fotografias de Sebastião Salgado, então suas fotografias passaram a ser mais vendidas, mais comentadas, o que possibilitou a organização de uma estrutura própria, a Amazonas Imagens.

Sebastião Salgado, atento ao mundo e sua História, ao observar o processo de migração de populações, dá visibilidade a este, desenvolvendo o projeto fotográfico *Movimento das Populações*. O estudo dessas fotografias possibilitará analisar o movimento migratório ao final do século XX, identificando e visualizando as tecnologias de poder e de regulação de populações presentes.

Outro fator ou razão pode ser apontado no desenho do “mapa mundi”, que se altera. Reproduzir mapas é um ato especificamente

geopolítico, um poderoso elemento de redistribuição de população. O redesenramento do mundo também faz ser avaliada a questão do aparecimento de povos e “etnias” politicamente dominadas, sobretudo no caso da URSS.

Finalmente, voltaram à cena os “visados históricos”: judeus, armênios, ciganos e os mais contemporâneos e não menos visados: negros, hindus, árabes, somados ainda aos “latinos”, trazidos pelo xenofobismo da direita, que ganha adeptos entre aqueles que se sentem ameaçados em vários sentidos pela presença do estranho.

Até aqui, racismo tem sido definido num contexto específico (o mais geral), antropológico e preocupado em responder as questões postas sobre as diferenças. E razoável, no entanto, não é com ela que vamos lidar.

A perspectiva que tomamos é aquela que recupera a raça pela idéia da guerra de raças, ou seja, a questão da raça não desaparece, porém recuperar-se mediante algo distinto que é o Racismo de Estado.

Podemos nos referir aqui à teoria clássica da soberania, para pensar guerras e raças, parte do pensamento de Michel Foucault, sobretudo nos argumentos da *Genealogia do Racismo*. Nela sabemos que o direito de vida é de morte era um dos atributos fundamentais da soberania. Assim, o direito de vida é morte, é um direito estranho, não é então natural. Nesse sentido quer dizer que o soberano tem direito de *vida* e de *morte*, em outras palavras, pode *fazer morrer* e *deixar viver*. O sujeito não é de pleno direito nem vivo nem morto, só graças ao soberano tem o direito de estar vivo ou de estar morto. Não há equilíbrio, não há simetria. Buscando historiar esse direito podemos perceber que não há pelo tempo muitas transformações, ao antigo direito de soberania, *fazer morrer ou deixar viver*, vão se interpenetrandos outras coisas, atravessando-o mesmo, ora modificando ora somando, resultando num poder quase inverso: *Poder de fazer viver e deixar morrer*. Com segurança, essa transformação não se produziu rapidamente. A questão do *direito*, sobretudo da Teoria do Direito à Vida, é longa entre juristas, historiadores e outros. De fato, a preocupação com a vida acaba por fazer existir o soberano. Movidos pela necessidade e pelo perigo os indivíduos se reúnem para constituir um soberano a quem delegam poder.

De certo há uma discussão na filosofia política que pensa o problema da vida.

No entanto, o que quero evidenciar é mesmo a teoria política e mais as *tecnologias* do poder. Essas técnicas de poder (séc. XVIII) estavam centradas no corpo do indivíduo, sua separação, seu alimento, sua vigilância. Eram “vistos” e tentava-se melhorar sua utilidade (exercícios, adestramento, etc.). São tecnologias disciplinares.

O que se segue a essa tecnologia não vai substituí-la, até porque segue outra escala. No entanto, usa dessa “disciplinarização” inicial. Essa nova técnica não suprime a anterior, usa dela, mas utiliza-se de outros instrumentos bem distintos. A nova tecnologia, se dirige à multiplicidade dos homens, não mais corpos individuais (vigiar, instruir, utilizar, castigar), são agora como uma massa, afetadas por um processo de *conjunto* que são próprios da vida: *nascimento, morte, enfermidades*, etc. Em suma, a tomada de poder não ocorre mais na direção do homem corpo, porém na direção do homem *espécie*, que pode ser chamada de *bio-política* da sociedade. Com o *bio-poder*, nascem as técnicas de averiguação da sociedade, que têm a ver com os processos que já mencionei, como as taxas de reprodução de uma população, natalidades e mortalidades e daí as medidas estatísticas. Sobretudo as mortalidades são apreciadas não somente como causadoras da morte, mas como fatores permanentes de subtração de forças, de gastos econômicos, tanto pelo que deixa de produzir, tanto pelos cuidados que podem acarretar. Com esses fenômenos surge a *higiene pública*, normatizadora das práticas cotidianas que passam então a desqualificar as práticas consideradas “populares” e “tradicionais”, enfim, a medicalização da população.

Outra intervenção da bio-política tem a ver com a saída do indivíduo da produção. A velhice reduz as capacidades e aumenta os acidentes, as enfermidades, as anomalias... Para isso, a bio-política vai usar das instituições de assistência... Porém com mecanismo mais util ou mais racional; seguros, poupanças de segurança, etc., também, a bio-política vai estar atenta aos problemas do meio ambiente (enchentes, enxurradas), e o não natural, as cidades. Estamos até aqui evidenciando a bio-política. No entanto, é fundamental que se perceba que essa “nova” tecnologia tem seu entendimento base-

ado num corpo inumerável de corpos: a bio-política tem a ver com *populações*.

É importante perceber que essa tecnologia de poder bio-político passa a empregar mecanismos (diferentes dos disciplinares). São eles: as previsões, as estimativas estatísticas, as medidas globais, etc.

Passa a ter que modificar isso, passa a ter que baixar a mortalidade, a prolongar a vida, estimular os nascimentos.

Trata-se, sobretudo, de estabelecer mecanismos reguladores, que promovem um equilíbrio, estabelecem uma medida, não mais do indivíduo, e sim global. Não os preocupa o indivíduo como detalhe, mas como estados globais de equilíbrio de regularidades.

Se antes a ação era entre corpos - vigilância e punição - agora a ação é sobre a população.

Em resumo, não se exerce sobre o homem uma disciplina mas uma regulação. E regulação faz viver e deixa morrer. E um novo poder. Lembramos que o poder de soberano podia fazer morrer. Agora há um deslocamento, o de fazer viver e deixar morrer. O poder é cada vez menos direito de fazer morrer, e cada vez mais direito de intervir para fazer viver, o direito de intervir na maneira de viver para controlar seus “acidentes”, seus imprevistos, suas deficiências. Agora, nessas condições, a morte representa o limite do poder. Sobre ela o poder não atua mais, a não ser estatisticamente, e aí não estamos falando da morte e sim da mortalidade (esta sim pode ser avaliada). Lembramos de novo que no direito de soberania, a morte era a evidência do poder do soberano, era passagem para outro soberano, não o de baixo, mas o de cima, um poder ao outro, do direito civil, público, de vida e de morte, a um direito de vida eterna, ou castigo eterno.

Podemos confrontar aqui em muitos aspectos os sistemas de soberania e seu direito de vida e morte, e o novo sistema (contemporâneo) e seu direito de vida e morte. Um representado por mecanismos disciplinares e outro por mecanismos reguladores.

No entanto, o que importa mais é perceber um e outro, a eficácia, e a ineficácia, os corpos, a articulação. Identificar o segundo como o lugar de onde escolho para buscar o entendimento de uma racionalidade. A racionalidade que tenta dar conta do projeto

já está “escolhida”. Parte do entendimento, da regulação das populações, vista como fenômeno global ou bio-sociológico de massas humanas, seria então uma relação de *população / processos / biológicos / mecânicos / reguladores*; não significa que não se observa as características do direito de soberania (pois ele não desaparece, ele não é substituído), não é excluído (pois está em nível inverso) mas sim que se privilegia o entendimento de regulação das populações. Isso quer dizer que o poder agora se estende desde o orgânico até o biológico, desde o corpo até a população. É um jogo duplo, e não pode ser visto de outra forma. No entanto permanece. Como se relaciona *bio-poder*, Estado e Racismo.

Não se trata de marcar, aqui, o nascimento do racismo; como vimos ele é anterior e já estudado. O que inscreve o racismo nos mecanismos do Estado é precisamente a energia do *bio-poder*. Racismo é a ruptura introduzida, diz quem *deve morrer* e quem *deve* viver, qualifica as raças (boas/ruins), mostra diferenças entre um grupo e outro, produz uma censura biológica. Essas são as funções do racismo “fazer cortes” dentro do biológico. A outra função do racismo é de permitir uma relação cruel, mas efetiva, matar alguns para promover a vida de outros.

Isto não é um privilégio do homem contemporâneo, já se disse que para viver seguro é necessário eliminar o inimigo, matar para viver...

Quem é o inimigo?

Se queres viver é necessário que outro morra.

E uma maneira nova de ver a coisa eles não meus adversários, mas põem em risco a minha segurança. O Estado estabelece esta segurança das populações.

A raça, o racismo, são as condições de aceitabilidade do direito de matar em uma sociedade de normalização, onde se tem o *bio-poder*, então, o racismo é indispensável. O racismo (esse) está longe de ser simples desprezo ou ódio de uma raça sobre outra, é ligado diretamente à técnica de poder, à tecnologia de poder. “Se o poder de normalização quer exercer o antigo direito soberano de matar, tem que passar pelo racismo”.

Para concluir, é importante reafirmar que pensamos esse movimento hoje como fenômeno de agora como parte de uma verdadeira

de contemporânea que tem relação com nossa maneira de viver, de produzir, de urbanizar, de comunicar... Para alguns seria a globalização... É interessante notar como esta é a primeira e principal relação que o público fez e faz cada vez que “comunicamos” este trabalho. A palavra é *da hora*, é fácil; a mídia fez ela ficar fácil. Muitos defendem que a globalização não seria um fenômeno inédito, pode até ser. De certo, poderíamos ir longe com isso, no entanto o que nos interessa observar não é a sua origem nem tão pouco sua originalidade mas a reação que provocou. Há grupos que aceitam como verdade, e como algo necessário e que todos mais cedo ou mais tarde terão que enfrentar. Portanto é imperativo preparar-se, nas escolas, nas empresas, nas ruas, em qualquer lugar, é impossível escapar...

Há os que reagem, um grupo bem menor; estes nos interessa não pelo romantismo de todas as minorias, mas pela ação. Observar a globalização é importante se observarmos seus dispositivos e discursos, o que engendram, o que realmente dizem... Para não nos alongarmos, podemos dizer que a fotografia, neste projeto de Sebastião Salgado, torna visível o que engendram alguns, se colocando como reação, ou como ele mesmo gosta de dizer, como denúncia da crueldade da globalização.

Então podemos dizer que este trabalho parte de uma análise foucaultiana, ou melhor, que estamos pensando a partir de suas contribuições e chegamos a questões bem nossas (e não dele, Foucault), como a globalização. É bom que se diga que não encontramos nos escritos de Foucault (os observados) a idéia de globalização, mas encontramos a idéia de governabilidade. Como o ato de governar se dá nos vários séculos, daí as análises de Sociedade de Soberania/ Sociedade Disciplinar/Sociedade de Controle. A ótica do ato de governar muda! E gera novos acontecimentos!

Particularmente na Sociedade de Controle, tomada como o tempo da globalização o que muda é a incidência do domínio que passará dos corpos individuais para as populações, nós passamos a ser *amostras*! E daí o exercício de poder se faz mediante a *regulação* das populações, entre as estratégias desta regulação podemos citar as guerras civis alimentadas, a fome alimentada (desculpem a ironia verbal) os processos de migrações.

Quais grupos devem morrer? E quais os que devem viver?

Notas

1. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja/ Passagens, 1992, p. 36.
2. BARTHES, Roland. **A Câmara Clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984, p. 121.
3. SONTAG, Susan. **Ensaios sobre a fotografia.** 2^a ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981, p. 172.
4. Barthes, 1984, p. 121.
5. Foucault, 1992, p. 45.
6. SALGADO, Sebastião. Entrevista a Humberto Werneck. In: **Playboy.** São Paulo: Abril, dez. de 1997.
7. Salgado, 1997.
8. BAUDRILLARD, Jean. Entrevista a Sheila Leirner. In: **República.** São Paulo: D'Ávila Comunicações, Abril, 1999.
9. Salgado, 1997.
10. Salgado, 1997.